

Arte, Infância, Memória e Educação

SILVA, Luzia Batista de Oliveira / USF – Universidade São Francisco - lubaos@gmail.com

» *PALABRAS CLAVES: arte, infância, memória, educação, Walter Benjamin*

» RESUMEN

Este artigo objetiva discutir, na obra de Walter Benjamin (1994; 2002; 2015), como a arte – compreendida como uma dimensão educativa – contribui para o exercício da liberdade a partir da infância. Discutir-se-ão, também, aspectos da memória e infância, acontecimentos e contextos sociais e culturais na formação cidadã da infância a partir de sua classe social. Entrecruzam-se brincadeiras, conversas cotidianas, dialetos e diálogos de escritores, analisados e refletidos pelo filósofo ensaísta. A arte, como experiência formativa, também se expressa nas diversas línguas e linguagens de pessoas das cidades, das zonas rurais e dos bairros berlinenses. Entrecruzam-se memórias de infância do filósofo e memórias de infância dos escritores; entrecruzam-se também fisiogonias das cidades e fisionomias das pessoas e do próprio escritor. A criança se forma e constrói suas experiências também na convivência com canções, piadas e chistes, por isso, podem repetir expressões artísticas carregadas de beleza, mas, também, eivadas de preconceitos e ideologias.

» PRESENTACIÓN

Para Walter Benjamin (1994,2002), a arte na infância é um componente da educação oferecida à criança. Contribui para o exercício da liberdade pela criança graças à convivência dela com os adultos, com outras crianças da própria classe social e com os estratos culturais que circulam no contexto social e na esfera da família e da escola. É, portanto, fundamental o cuidado dos adultos para com a criança, uma vez que eles podem estar carregados de lições educativas, mas, também, de preconceitos.

São aspectos fundamentais na educação da criança, a memória em formação, a sensibilidade, o afeto, as emoções, os acontecimentos e os contextos sociais e culturais em que está envolvida a criança. A dimensão e a intensidade de seu envolvimento dependem da classe social a que ela pertence. A arte como experiência formativa também se expressa nas diversas línguas e linguagens no contexto social. Para

Gagnebin (2015), “Isso certamente nos ajuda a pensar as práticas artísticas contemporâneas que não podem mais ser lidas somente à luz de uma estética do belo e do sublime, mas que também apontam para algo como exercícios de alteridade e de transformação”.

› **ACTIVIDADES RELACIONADAS CON EL ARTE**

Para Benjamin, a arte, na infância, contribui para a formação humana e reforça o processo de sensibilização, podendo-se, no futuro, ser responsável pela formação de um adulto mais sensível às questões humanas e sociais. Por isso, a infância está no centro de suas preocupações voltadas para a importância e a necessidade de oferecer, àqueles que estão nessa fase da vida, uma educação que possibilite a construção de uma memória histórica, constituída por dimensões como: ética, estética, social e cultural, dando, dessa forma, ao adulto, a **noção de despertar**, seja em relação à própria formação acadêmica, seja à direcionada à vida, *lato sensu*, e ao mundo do trabalho. Ter-se-á, certamente, com isso, um adulto mais comprometido com os embates políticos e éticos. Arte e educação, para Benjamin (2002, p. 59) – reiteramos – configuram-se como conquistas sociais sob os aspectos cultural, estético e humano. Por isso, no ensaio intitulado *Livros infantis velhos e esquecidos*, o autor comenta que as tarefas artísticas não somente agradam à criança, como, também, contribuem para a formação dela. Compreende-se, assim, por que, em várias épocas, “...surgiram soluções engenhosas e altamente significativas” para a educação destinada à criança, justificando-se, com isso, não só a presença de elementos primitivos nas capas dos livros e do material pedagógico, como, também, o fato de eles não terem sido eliminados no século XIX. O autor cita, como exemplo de arte, a xilogravura que permite à criança sair do seu ‘próprio mundo’ e descrever, de maneira muito pessoal, subjetiva, os elementos contidos nas imagens da xilogravura. É possível que isso lhe sirva de provocação para que, a partir de imagens, se valendo da palavra, revele ‘seu mundinho’, com forma e sentido, exteriorizado de modo criativo. É, portanto, relevante e significativo ter sempre em mente que não só a palavra, mas, também, as imagens são fundamentais para ela cujo mundo é habitado, feito de imagens, o que a liga ao mundo dos sentidos. No caso dos hieróglifos, por exemplo, é possível a criança exercitar “a linguagem oral e escrita” (p.66).

No livro *A hora das crianças*, Benjamin (2015) chama a atenção para a convivência das crianças nos bairros alemães, convivência que permite a elas viver momentos seus e caminhar pela cidade passando por experiências que, certamente, contribuem para a sua formação, expressa nas diversas linguagens de pessoas das cidades, das zonas rurais e dos bairros. A variedade linguística que existe nos bairros e também nas cidades faz com que se entrecruzem memórias de infância do filósofo e memórias de infância dos escritores, que ele comenta no programa diário da rádio. Ele fala, também, do entrecruzamento de fisiogonias das cidades e fisionomias das pessoas, inclusive, da sua, enquanto escritor e colecionador de miniaturas e de livros. Para o ensaísta, a criança se forma e constrói seu ‘mundo particular’ a partir de suas experiências e também da convivência com essa multiplicidade de linguagem falada e gestual encontrada nas canções, nas piadas e nos chistes dos adultos quando estes contam, encenam, rechaçam, praguejam, lamentam; situações em que expressam seus sentimentos. Como consequência disso, elas podem aprender e repetir expressões artísticas carregadas de beleza, de valores construtivos, mas, também, de valores piores de preconceitos e ideologias.

Quanto ao estudo do autor sobre os escritores que fizeram cartilhas, no que tange ao colorido do material pedagógico destinado às crianças – as cartilhas em preto e branco e colorido –, o que, verdadeiramente, interessa a elas são as gravuras, pois a sensibilidade delas as fará viver seus sonhos, de modo colorido. De maneira geral, a criança é capaz de descrever as imagens, suas ou não, com palavras suas. Mais do que isso. Valendo-se da palavra, ela é capaz de narrar fatos porque pode criar suas próprias histórias e recriar outras tantas a partir de imagens que ‘povoam’ a sua mente.

A sensibilidade da criança para criar, aprender e brincar, também, pode ser trabalhada através de jogos infantis, como “as bolhas de sabão, jogos de chá, a úmida policromia da lanterna mágica, as aquarelas e decalcomanias” (BENJAMIN, 2002, p. 80), ou, como apontado no ensaio *Canteiro de obras* (2009), em que a criança escolhe, entre as sobras de material descartado pelos adultos, aquilo que sua invenção pode criar como sendo, para ela, um brinquedo e, assim, lhe permitir brincar. É relevante considerar, segundo o autor, que, para os poetas, a infância é sempre um poema da infância (BENJAMIN, 2002)

No ensaio *Rua de Mão Única* (2002), a criatividade da criança, aliada à sua inteligência, pode induzi-la a fugir de sua casa, o que pode significar, simbolizar o

exercício da liberdade motivada pela sua rebeldia. É também é capaz de ignorar regras e, por isso, aceitar o desafio de lambiscar um doce como um ato de amor pelo alimento, assim como, a criança desordeira, nesse contexto, pode ser a que escava histórias e que enterra segredos contribuindo para que, no futuro, eles façam parte das memórias da infância e de sua própria infância. Dessa forma, como um nômade, a criança esconde segredos nas gavetas em que “os seus anos de nômade são horas passadas na floresta de sonhos. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, consolidá-la, desenfeitiçá-la. Suas gavetas precisam transformar-se em arsenal e zoológico, museu policial e cripta” (p. 107). Na infância, as viagens imaginárias são reais e com potencial para conduzi-la pelo mundo encantado dos sonhos sonhados...

A inteligência da criança, aliada à sua imensurável criatividade e vontade de sonhar, colore o mundo em que habita. No ensaio *Programa de um teatro infantil proletário* (2002), o teatro infantil proletário dá às crianças oportunidade de dizer e repetir os valores da sua classe social – a classe operária e seus hábitos, abolindo-se, com isso, no palco, as hierarquias, visto que “Perante o teatro infantil não há posição possível para um público superior. Aquele que ainda não se imbecilizou por completo, este sentirá talvez vergonha” (p. 115).

A criança e o colecionador e a criança e o fetichista estão sob o mesmo signo: a paixão. Por isso, para eles – colecionador, criança e fetichista – colecionar é uma forma de anarquizar, de destruir para construir, de dar uma forma ou fisionomia ao objeto de sua predileção, o que significa que os “coleccionadores são os fisionômicos do mundo de seu objeto” (BENJAMIN, 2002, p. 137) porque são capazes de dar uma imagem ao objeto de fetiche, de predileção ou coleção.

Desconstruir a cartilha ou o material de alfabetização da criança, em qualquer período da história, parece ser fundamental a fim de se propiciar, de maneira artística, uma vivência, como fez Erasmo de Roterdã ao construir um abecedário diferente, com massa de fazer bolinhos comestíveis. Sem dúvida, foi uma proposta inovadora para desconstruir, ludicamente, a cartilha escolar e **re-construí-la** de maneira aberta, libertária. Nos séculos XVI e XVII, por exemplo, tem-se o caso de Seidmann-Freud com uma proposta inovadora para a época: juntar cartilha e caderno. Também outras propostas de livros para rabiscar foram feitas. De qualquer forma, devemos lembrar que a memória é construída pela criança, porque “onde as crianças brincam existe um segredo enterrado” (BENJAMIN, 2002, p. 142).

› *A MODO DE CIERRE*

Falar da vida e suas dimensões como formação básica da criança ou formação universitária dos adultos não é uma tarefa fácil, sendo relevante o não esquecimento das memórias de grupos, de escritos de educadores em determinados períodos da história que nos alertam também para a formação de sensibilidades. O autor disserta sobre as coisas e o mundo; sobre a vida sem exploração capitalista, sem a diminuição de um ser humano pelo outro; sem a diminuição de uma infância em relação a outra; a educação e a vida sem ranços e sem dogmas, sem rotulação das classes sociais. O que se deve, isto sim, ressaltar é o respeito e o ensino dos valores sociais, éticos, estéticos, culturais de cada classe social, assim como, os brinquedos e, especialmente, as brincadeiras como elementos fundamentais na educação da sensibilidade das crianças. Além disso, considerar que a arte no teatro educa dentro da própria classe social da criança porque a sensibiliza para compreender os valores que dizem de si mesma, do seu grupo social e dos demais grupos.

BIBLIOGRAFÍA

- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2002.
- _____. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- _____. **Mito e Linguagem**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- _____. **A hora das crianças: narrativas radiofônicas**. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau editora, 2015.
- FILOSOFIA PUC/SP. **Entrevista com a professora Jeanne Marie Gagnebin**. Disponível em: <<https://filosofiapucsp.wordpress.com/2015/02/12/entrevista-com-a-professora-jeanne-marie-gagnebin/>>. Acesso em 20/02/2015.
- GAGNEBIN, J.-M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- SILVA, L.B.O. Epistemologia, estética e formação: contribuição de Walter Benjamin para a educação. **Revista Herramienta**, Buenos Aires, 2014.